
PERSONAGENS FEMININAS DA LITERATURA E SEU IMPACTO NAS GERAÇÕES

Rossana Paiva Acosta

“Querer ser livre é também querer livres os outros”.
(Simone de Beauvoir)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo a discussão a respeito da influência que personagens literárias do sexo feminino têm sobre a sociedade, analisando títulos reconhecidos mundialmente e identificando estereótipos através da crítica literária feminista. Nesse sentido, as obras foram comparadas ao contexto sociocultural em que estavam inseridas, demonstrando as semelhanças entre a literatura e a realidade de cada época. Com isso, verificou-se a necessidade de ampliação do desenvolvimento de personagens femininas que mostrem a mulher como o sexo forte, refletindo os ideais do ponto de vista feminista da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, mulheres, estereótipos, feminismo.

ABSTRACT:

This article aims to analyse the influence that female literary characters have on society. Through an approach based on a feminist literary criticism it was possible to identify the set of social stereotypes contained in works recognised worldwide. In this way, they were compared to the social-cultural context in which they were inserted, showing the similarities between the literature and the reality of each era. Over the centuries, there has been an emergence of more active female characters with stronger personality, reflecting the ideals of contemporary society.

KEYWORDS: literature, womans, stereotypes, feminism.

1 INTRODUÇÃO

A visão da literatura sobre a mulher é um produto do meio em que foi escrita. Ela é uma arte que se mostra presente na base cultural da sociedade, apresentando grande poder de influência. Logo, também é responsável pela propagação de legados socioculturais através das gerações como, por exemplo, o machismo e o feminismo.

Como esse campo é majoritariamente masculino, a mulher é representada de maneira pouco aprofundada e generalizada nas obras literárias, refletindo os ideais patriarcais. Contudo, alguns movimentos existentes hoje, promoveram o interesse pelo debate e viabilizaram a luta pela igualdade de gênero. Desponta nesse cenário uma crítica feminista que pretende analisar a sociedade pretérita através de uma perspectiva feminina sobre a literatura do passado.

Este estudo foi motivado pela necessidade de avaliar a ideologia patriarcal existente nos textos em geral, evidenciando o poder que as palavras têm sobre o público e como elas atuam em sua formação cultural. Dessa forma, as personagens femininas podem ser uma influência positiva ou negativa para as mulheres e os homens de todas

as idades. Para esta análise foram selecionados os títulos: Barba Azul, 50 Tons de Cinza, Iracema, Um Conto de Duas Cidades e Orgulho e Preconceito. O que leva ao questionamento: Qual o impacto dessas personagens literárias no imaginário feminino?

2 COMO A LITERATURA É CAPAZ DE IMPACTAR IDEOLOGICAMENTE UMA GERAÇÃO

Literatura é, de acordo com o dicionário, um substantivo feminino que significa o uso estético da linguagem escrita. Porém, é muito mais que isso. Para o filósofo Grego Aristóteles, um dos primeiros a focar nos estudos dessa forma de expressão artística: "A Arte literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra." Ratificando tal ideia, o filósofo francês *Louis-Gabriel-Ambroise*, disse que: "A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem". Logo, é possível observar que não é apenas uma junção de palavras, um texto feito puramente para o lazer ou forma de comunicação. Literatura é o reflexo da sociedade.

A literatura tem a capacidade de representar as inúmeras situações vivenciadas pelos indivíduos: seus problemas, suas dúvidas e tantas outras experiências compartilhadas. Pode ensinar empatia, auxiliar a ver o mundo com outros olhos, sob um ponto de vista jamais considerado antes, assim como também pode servir de propagador de ideias retrógradas ou progressistas. As histórias transmitidas também acabam por influenciar outras vertentes culturais tais como o cinema, a fotografia e as artes plásticas. É possível concluir, então, que a literatura tanto impacta quanto é impactada pela sociedade. Ela é a arte de contar histórias, indispensável para a formação cultural de uma civilização.

Pode-se notar que, mesmo com a distância histórica entre ambos os filósofos, eles concordam que o texto literário está intimamente ligado à sociedade e à época a qual pertence. Inclusive, pode ser utilizada como ferramenta de estudo por historiadores, sociólogos e filósofos, pois é através da literatura que os valores morais de um povo são passados de geração a geração. De acordo com o sociólogo *Max Weber*, essa transmissão de valores representa uma ação social tradicional motivada, puramente, pelo hábito. Pode ser considerada legado cultural.

A literatura pode ser tanto em prosa, como vemos em romances, contos, crônicas e fábulas, quanto em versos que podem ser encontrados em cantigas, música e poesia. Contar história por meio de imagens é também uma possibilidade: pode ser

inserida na vida infantil, desde muito cedo, pelas histórias em quadrinhos e iluminuras. Como essa é a fase onde a personalidade começa a ser formada, torna-se possível potencializar a capacidade de moldar a mente humana pela via literária.

Um grande exemplo da influência que as histórias têm sobre as pessoas são as fábulas. Gênero textual utilizado como bússola moral. São contos pequenos, escritos em rima ou prosa, que fazem parte da literatura infantil. Neles, predominam os animais personificados. Há sempre uma “moral da história”. Uma das mais conhecidas é “A Cigarra e a Formiga” de *Esopo*.

Conta a história que durante todo verão, a Formiga trabalhava para sobreviver ao inverno enquanto a Cigarra somente cantava sem se preocupar com o futuro. O inverno então finalmente chegou e a Cigarra ficou congelada e com fome, enquanto a Formiga estava aquecida com um grande estoque de comida. O ensinamento que podemos extrair disso é que os preguiçosos têm o que merecem e que o trabalho duro é recompensado. Ideais extremamente capitalistas que são transmitidos para as crianças através de uma fábula.

A literatura infantil é dominada por histórias curtas e fantasiosas que falam de princesas em apuros, bruxas cruéis e animais falantes cujo objetivo é mostrar o que é bom e o que é mau. Durante a segunda infância as crianças são bombardeadas com contos de fadas. São geralmente historinhas para dormir extremamente machistas, que reforçam a ideia de que a mulher é inferior. Na medida que as crianças crescem, suas opções literárias evoluem para outros gêneros narrativos que comumente trazem o mesmo conceito de subalternidade.

Na adolescência e na vida adulta a opção mais procurada é o gênero romance. Estes são versões mais extensas e complexas, pois ainda passam ideologias, porém não de maneira tão explícita. Ao escolher um livro, as mulheres, assim como todo ser humano, almejam ter uma total imersão em uma história, desejam ser compreendidas, fugir da realidade através da identificação com as personagens. Mas como isso é possível, se muitas vezes as narrativas representam apenas estereótipos comuns como a namorada, a assistente, a personagem de apoio?

Como pode ser observado, há uma falta muito grande de personagens femininas fortes e inspiradoras, que sirvam de exemplo, que mostrem um objetivo maior do que apenas existir à sombra de homens. Essa carência é reconhecida pela crítica literária feminista, cujo objetivo primordial é avaliar as obras sob o ponto de vista das mulheres. A pretensão é aumentar a representatividade feminina, tanto da autora quanto das personagens fictícias, ao mesmo tempo que enfrentar o sexismo. Esta escola de

pensamento foi uma resposta à maneira como as mulheres são vistas pela sociedade patriarcal.

3 MULHERES NA HISTÓRIA

As mulheres vêm sendo representadas e analisadas, predominantemente, pela perspectiva masculina pois, ao longo da história, o espaço acadêmico e social ficou restrito aos homens. É possível analisar todo o processo histórico da sociedade patriarcal através da literatura.

Aristóteles, por exemplo, durante a Antiguidade, definiu a mulher como um homem inferior. Nessa época o sexo feminino não possuía direitos, nem cidadania, ou seja, não podia participar da vida política da pólis. Apesar disso, é possível encontrar na literatura o registro de mulheres fortes como na peça Lisístrata. Nela, a personagem principal influencia outras esposas a organizarem uma greve de sexo até o término de uma guerra. Essa comédia de Aristófanes traz a sugestão de que as mulheres eram tão capazes quanto os homens de participar da democracia na pólis.

Na transição da Idade Média para o Renascimento, as mulheres não acompanharam os avanços científicos e culturais, pois tinham seus direitos ao estudo restritos e eram impedidas de exercer diversas profissões. Fato que contextualiza a frase de Hamlet, peça mais famosa de *William Shakespeare*: "Fraqueza, teu nome é mulher." Nesse período, a desobediência feminina poderia render pesadas punições, levando inclusive à morte.

Essas limitações diminuiriam durante o começo da Idade Contemporânea, época de ideais iluministas. Apesar desse fato, a mulher ainda era vista apenas como esposa e mãe, já que a base de seu aprendizado era restrita às tarefas domésticas e tinha por objetivo legitimar a autoridade do patriarca. Era extremamente comum casar-se no começo da adolescência para que as mulheres tivessem algum amparo econômico após a morte dos pais. Esses temas são amplamente explorados pela autora inglesa Jane Austen em seus romances, sendo considerada uma mulher a frente de seu tempo.

A dinâmica entre os sexos sofreu uma grande mudança após a Revolução Industrial. A mulher foi inserida no mercado de trabalho como operária, pois as fábricas necessitavam de mais mão de obra. Ainda vistas como inferiores, laboravam jornadas de trabalho mais longas e recebiam salários significativamente menores. Apesar disso, esse marco foi um grande passo para o surgimento do feminismo, movimento que defende a igualdade de gênero.

Em conformidade com as escritoras estadunidenses *Maggie Humm* e *Rebecca Walker*, o feminismo pode ser dividido em três ondas. A primeira ocorreu no final do século XIX e início do século XX e se tratava essencialmente da reivindicação de direitos individuais, tendo como principal conquista o sufrágio feminino. A segunda onda surgiu na década de 1960, focando mais na diminuição da discriminação das mulheres, no debate sobre o papel delas na família e na sexualidade feminina. A terceira onda irrompeu nos anos 80 e existiu concomitantemente à onda anterior, questionando alguns aspectos do que é feminilidade, definidos na leva precedente, e ampliando as discussões relacionadas a liberdade da mulher.

Mesmo após tantas conquistas feministas, o machismo ainda é presente no cotidiano de mulheres de todo o globo. Um grande exemplo disso ocorreu em 1997, quando os editores da autora de *Harry Potter*, *Joanne Rowling*, sugeriram que ela ocultasse seu nome através do uso de suas iniciais. A justificativa apresentada foi a de que o sucesso da obra seria ameaçado caso os leitores soubessem que o livro foi escrito por uma mulher. O preconceito claramente ainda existe, o que torna necessário cada vez mais o abandono dos estereótipos comumente associados ao sexo feminino.

4 ESTEREÓTIPOS FEMININOS E SEUS IMPACTOS NOS DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS

Em todos os cantos do mundo, desde os princípios da humanidade, a mulher foi taxada como inferior ao homem, sofrendo abusos físicos e psicológicos devido unicamente ao gênero a qual pertence. Essa visão frívola se tornou algo comum através dos séculos e rotulou o sexo feminino como relativamente incapaz. Como tudo que se torna tradicional, é passado de geração a geração, ensinado em todas as instituições sociais, absorvido involuntariamente no ato de viver em comunidade, o que o torna extremamente resistente a mudanças. As representações femininas dos mais diversos meios culturais servem concomitantemente como um reflexo da sociedade e um guia comportamental para as mulheres no futuro.

É extremamente comum a circulação dos mais diversos estereótipos sociais, especialmente, quando se reportam às mulheres e são reproduzidos tanto por escritores quanto por escritoras durante o processo de criação de suas personagens fictícias. Essa generalização distorcida do comportamento feminino, auxilia na concepção previamente

definida sobre o que é ser mulher. O machismo intrínseco à nossa sociedade legitima todas essas representações.

4.1 A ESPOSA: MULHER SUBMISSA E INCOMPLETUDE

Submissão significa obediência à alguém. Esse é o estereótipo feminino mais comum, o de que as mulheres existem exclusivamente para serem subordinadas aos homens. Essa ideia faz parte, até mesmo, de dogmas religiosos. De acordo com a Bíblia, uma esposa deve sempre obedecer ao marido, sendo ele a autoridade maior: “[...] o teu desejo será para o teu marido e ele te governará”. *Gênesis* 3:16. O Islamismo também transmite a mesma ideia. O *Alcorão* na Sura 4:34 diz: “[...] àquelas de quem temeis a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e batei-lhes”.

Essas concepções de subalternidade, baseadas no controle masculino e na obediência feminina, são milenares em nossa sociedade. Podem ser reconhecidas atualmente na ideia do homem provedor da casa e da mulher organizadora do lar. A crença de que uma mulher deveria ser uma serviçal se torna uma das principais razões para a violência doméstica.

Uma narrativa que reflete esses princípios é o conto de fadas infantil: Barba Azul. Escrito pelo francês *Charles Perrault* em 1697, a obra conta a história de um homem cuja barba era azulada e fora casado seis vezes. Ninguém sabia, ao certo, o que havia acontecido com as esposas anteriores. Barba azul acaba se casando pela sétima vez com uma mulher que lhe jurou obediência.

Um dia, ele foi viajar e deixou com a sua esposa o molho de chaves do castelo, instruindo-a de que não deveria usar a de seu escritório sob hipótese alguma. A mulher curiosa acabou desobedecendo o marido e encontrou os corpos degolados das seis esposas anteriores que também haviam ignorado suas ordens. Barba Azul voltou no dia seguinte, descobriu o ocorrido, tentou matar sua companheira, mas foi impedido pelos seus cunhados. Quem acabou morto foi o próprio Barba Azul, deixando uma herança considerável para a viúva, que se casou novamente, encontrando a felicidade afinal.

Apesar da esposa de Barba Azul ser a personagem principal do conto, a mesma foi rebaixada a um ser adiforo a partir do momento que ela sequer recebeu um nome. O que demonstra uma ideia contraditória: mesmo quando a mulher é protagonista, ela está em papel subalterno. Não bastando essa misoginia, a esposa estava prestes a ser fortemente punida pelo “crime horrendo” de ter desobedecido o marido. Teria sido considerado um crime de honra, muito comum na sociedade até hoje, e suavizado, até mesmo, por códigos penais em alguns países islâmicos onde são considerados

atenuantes de pena e aceitos com naturalidade por parte da população. Não sem motivo, uma história feita para crianças como a de Barba Azul, reforça esse tipo de punição às mulheres.

É possível encontrar em determinados romances uma dinâmica parecida entre os casais. Um livro contemporâneo que romantiza a relação de submissão e dominação é "50 tons de cinza", o primeiro livro de uma trilogia. Fenômeno mundial escrito por *Erika Leonard James*, publicado em 2011, que se tornou um sucesso nas bilheteiras do cinema em 2015.

A história se passa em Seattle e ocorre em pleno século XXI. Uma estudante da faculdade chamada Anastasia se envolve com um magnata, Christian. Ele apresenta a ela um contrato onde ela, uma virgem, concorda em se tornar sexualmente submissa a ele. Isso a leva a um mundo de fetiches relacionados ao sadomasoquismo.

O problema é que essa relação de dominação não ocorre somente entre quatro paredes. Ela concorda em se tornar propriedade dele e acatar suas ordens cegamente, além de aceitar castigos físicos caso desobedeça. A personagem principal, Anastasia, tem a personalidade extremamente fraca combinada com a completa falta de amor próprio, podendo ser definida pela palavra insegurança, enquanto o Christian é o exato oposto. A incapacidade feminina é incrivelmente explorada na criação dessa personagem.

A mulher é vista como inferior ao longo de toda a história da humanidade. *Aristóteles*, por exemplo, escreveu em sua obra Política: "No que diz respeito aos sexos, o macho é por natureza superior e a fêmea o inferior, o macho governa e a fêmea se sujeita". Esse livro foi escrito há mais de 300 anos antes de Cristo, e traz ideias que permanecem presentes na sociedade até a atualidade. A existência no século XXI, de obras literárias que ainda se baseiam em premissas como essas de *Aristóteles*, só corroboram para que tais ideais obsoletos continuem se propagando no futuro.

A consequência direta dessa concepção de esposa submissa ao marido pode ser vista através da imagem da mulher que alcança sua plenitude por intermédio de seu par romântico, ou seja, do homem que a completa. Tal lógica é transmitida principalmente pelo grande poder de influência dos contos infantis. As histórias da Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel, por exemplo, são clássicos da literatura, lidos por crianças do mundo inteiro.

São todas princesas que vivem, passivamente, a espera do tão famoso príncipe encantado que irá encontrá-las e resgatá-las. Cinderela usa seu único desejo para ir ao baile onde o príncipe busca uma esposa; Branca de Neve é salva pelo beijo do amor verdadeiro e Rapunzel é resgatada de uma torre pelo príncipe encantado. Todas casam

com os respectivos príncipes e vivem felizes para sempre. A expressão: “e viveram felizes para sempre” é muito utilizada para encerrar essas histórias. Insinua que a alegria eterna é alcançada, exclusivamente, pelo encontro de seu par para a vida toda. Fato que, carrega consigo, um ideal de perfeição. Isso apenas enfatiza a ideia de que o relacionamento romântico é um pré-requisito para a felicidade das mulheres.

Essa visão de mundo é a mais apresentada para as meninas na infância e pré-adolescência. É denominada pelos psicólogos de Síndrome de *Walt Disney*, graças às adaptações cinematográficas dos livros infantis realizadas pela empresa *Disney*. Tem como principal característica a crença de que a mulher tem sua alegria garantida ao encontrar um parceiro. Não importando que tal ideia reforce o servilismo ao negar a autonomia feminina. Resulta disso uma série de problemas atrelados aos futuros relacionamentos românticos.

Alguns resquícios desse comportamento podem ser observados na comemoração do aniversário de 15 anos. Muito comum nas culturas latinas, tinha originalmente o objetivo de apresentar as mulheres para pretendentes em potencial, como um anúncio de que elas já teriam idade para casar. Apesar desse significado ter se perdido ao longo da história, a celebração permanece. Afinal, todas as meninas querem um “dia de princesa” digno de contos de fadas, ideia inserida pela sociedade através dos contos infantis.

4.2 A DAMA – MULHER ROMANTIZADA

Durante o século XVIII, o conceito de inferioridade atribuído à mulher é substituído pelo de ser sublime. Era uma época de rebeldia intelectual cujo ápice foi a Revolução Francesa. Tal visibilidade sobre a mulher pode ser percebida pela idealização elaborada pelo literato *Honoré de Balzac*: a mulher é o ser mais perfeito entre as criaturas; é uma criação transitória entre o homem e o anjo. Essa alusão é um exemplo da clara contraposição ao estereótipo da submissão feminina, pois as mulheres abandonam a condição de inferiores para serem colocadas em pedestais. Tornam-se seres inatingíveis, de comportamento impecável e corpo idealizado.

Assim, como todos os aspectos da sociedade, é possível ver um reflexo dessa perspectiva na arte. A idealização da mulher é uma das principais características do movimento literário romântico surgido na Europa do século XVIII. Representa a válvula de escape ao urbanismo industrial pela via da romantização da realidade, do bucolismo e da retomada de alguns ideais medievais. Dentre eles, a posição de fiel vassalo do poeta à dama da corte em cantigas de amor, presentes no movimento literário trovadorismo.

Logo, a origem do romantismo se deu como um contraste ao iluminismo, que exaltava a razão, e apresentava uma literatura norteadada pelo individualismo e nacionalismo.

A corrente romântica tem como um dos principais representantes o escritor inglês *Charles Dickens*, que tem em seu currículo obras célebres que perduram durante a contemporaneidade, como *Oliver Twist* e *David Copperfield*. O autor é famoso por suas críticas sociais subentendidas em seus livros ficcionais. Porém, em suas obras nunca foi abordada uma discussão ou reflexão relacionada à questão de gênero por ser um tópico recente e polêmico. O sucesso do autor reside no fato de que suas considerações não eram explícitas. Mesmo assim, ainda é possível fazer uma ponderação sobre as personagens femininas, já que as questões acabam por se manifestar na escrita.

Um de seus romances mais famosos é o livro "Um Conto de Duas Cidades", lançado em 1859. O livro foi escrito em uma época pós-Revolução Industrial, na qual as mulheres começaram a adquirir um papel maior na sociedade. Tornaram-se operárias, trabalhadoras em geral, o que representou um grande passo para a igualdade de gênero. Infelizmente, essa mudança se restringiu às classes mais baixas, já que as mulheres de posse ainda eram vistas como damas da sociedade. Então, considerando que a literatura era produzida e consumida majoritariamente pela elite, o mesmo romantismo que enalteceu o sexo feminino, surgiu como um escapismo da realidade burguesa e mecânica.

Essa obra é considerada um dos romances históricos mais relevantes na história inglesa e sua narrativa gira em torno da Revolução Francesa. Recebeu tal título pois se passa em duas cidades, Londres e Paris, mostrando o precedente da revolta, o levante em si e as consequências causadas por ele nas metrópoles. Seu personagem central é o Dr. Manette, que ficou 18 anos na Bastilha, uma prisão em Paris, e ao adquirir liberdade descobriu que tinha uma filha chamada Lucie com a qual irá morar em Londres. A história se desenvolve e mais personagens são acrescentados à trama, cuja ligação à iminente revolução é inquestionável.

Lucie Manette é descrita como uma dama, ou seja, discreta, frugal, educada, entre outros adjetivos que trazem um comportamento ideal de uma aristocrata europeia. Sua beleza, juventude e ingenuidade são características bastante enaltecidas durante a trama. Ela foi extremamente romantizada, criando um padrão, chamado de ideal, impossível de ser alcançado por uma mulher não fictícia. Isso faz com que o público feminino se empenhe desnecessariamente em alcançar um padrão inatingível. Visão essa que não se restringiu somente à Europa.

O romantismo, também, faz parte de um dos principais períodos da literatura brasileira, tendo como característica o nacionalismo e o individualismo. Nele são ressaltadas a fauna, a flora e o índio, tido como o brasileiro original. Essas particularidades foram as referências necessárias para o desenvolvimento de uma produção artística puramente brasileira. Por conseguinte, a romantização da mulher se mostrou uma característica da base cultural do país. A corrente literária foi trazida para o Brasil em 1836 com o livro de poemas *Suspiros Poéticos e Saudades*, escrito por Gonçalves de Magalhães, logo após a independência do Brasil, ocorrida em 1822.

Posteriormente, José de Alencar, um dos principais escritores românticos do Brasil, publica o seu livro mais conhecido: *Iracema*. Escrito em 1865, durante o primeiro período romântico, conta a história de amor entre uma índia, Iracema, e um colonizador português, Martim. Iracema, também chamada de a virgem de lábios de mel, se apaixona por Martim após acolhê-lo na tribo por conta de um ferimento. O sentimento é recíproco, porém, é reprovado por toda tribo.

Quando a índia quebra o voto de castidade que havia feito por ser sacerdotisa, o casal decide fugir. Se escondem por um tempo em uma tribo rival para depois morarem juntos na praia. Dessa união surge Moacir, o dito primeiro brasileiro, fruto da mistura entre índios e europeus, cujo nascimento teve como consequência a morte da mãe. Martim ao perder o amor de sua vida, decide voltar para Portugal com seu filho.

A personagem Iracema é descrita como tendo não somente o corpo dentro dos padrões estéticos, mas também a moralidade julgada perfeita, aos moldes europeus, apesar da personagem ser indígena. Ela é mostrada de uma maneira frágil, educada, sendo retratada como uma mulher delicada e inocente. Mais uma vez a ficção estabeleceu uma meta irreal.

Essas expectativas depositadas nas mulheres são pragmáticas e propagadas até a atualidade. Como se pode observar em uma das músicas mais ilustres da cultura brasileira: *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Ela exalta continuamente a beleza da mulher, quase a endeusando.

Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar.

A música se refere somente à beleza externa feminina, induzindo a um comportamento comum: a objetificação da mulher. A idealização da mulher retira a sua autonomia, reforça sua incompletude e enfatiza sua qualidade de objeto, cujo corpo seria

a principal fonte qualitativa, já que não há pendor para as coisas da razão e sim da sensibilidade estética.

Tal concepção é extremamente prejudicial ao psicológico feminino, pois acaba criando um sentimento de decepção frequente ao impor um objetivo que não é concreto, seja tanto em relação ao físico quanto ao comportamental da mulher. Isto tem como consequência o desenvolvimento de transtornos alimentares como bulimia e anorexia, que são associados às tentativas de atingir o padrão estético de uma maneira não saudável, e transtornos psicológicos como ansiedade e depressão por causa da obsessão em se comportar como a sociedade espera.

É importante para a saúde mental e física, a aceitação de que cada corpo é único e que um não é mais belo que o outro. Assim como não existe conduta feminina ideal, já que comportamento é algo individual e não deveria ser definido pelo gênero. Esses ideais fazem parte do feminismo, movimento que preza pela igualdade de direitos, tanto jurídicos quanto sociais, entre gêneros. Bem como busca superar os preconceitos relacionados ao feminino.

5 A MULHER COMO SEXO FORTE – ANALOGIA AO FEMINISMO

Diariamente as mulheres lutam contra os estereótipos criados sobre elas e os obstáculos gerados pelos mesmos. Tal situação pode ser vislumbrada tanto no mundo do trabalho, onde é vista como menos capaz, vindo a receber um terço do salário em comparação aos homens, quanto na vida pessoal, em que deve ter uma obediência cega ao sexo masculino. Felizmente, esses empecilhos não foram suficientes para impedir que o movimento a favor da igualdade de gênero finalmente receba um nome: feminismo.

A luta pela igualdade de oportunidade e direito entre gêneros sempre existiu, historicamente, como alternativa aos padrões impostos pela sociedade patriarcal. É possível ver o reflexo disso nas obras literárias. *William Shakespeare*, por exemplo, escreveu em 1595, o que se tornaria uma de suas histórias mais famosas: *Romeu e Julieta*. A personagem principal se opõe a ideia de um casamento arranjado, desobedecendo toda a sua família. Ela foi contra a ordem predominante daquele tempo para fazer o que desejava: casar com seu amor verdadeiro. São esses pequenos atos de rebeldia ao sistema social, em vigor, que um dia levariam ao feminismo.

5.1 INTRODUÇÃO AO FEMINISMO – LITERATURA FEMINISTA

O feminismo é um movimento filosófico, político, social e ideológico que visa o fim das normas de gênero e da sociedade patriarcal, através da promoção dos direitos femininos e defesa dos interesses das mulheres. Busca, enfim, a igualdade de gênero. Essa nomenclatura foi atribuída ao filósofo francês *Charles Fourier*, em 1837, apesar do feminismo existir muito antes disso. A poeta italiana Cristina de Pisano, por exemplo, já criticava a misoginia presente no campo literário e defendia o papel indispensável da mulher na sociedade no século XIV.

A obra literária que teve maior influência no movimento feminista apareceu durante a segunda onda. Trata-se do livro *O Segundo Sexo* cuja autora, *Simone de Beauvoir*, desconstruiu todos os ideais biológicos em que os sexos eram baseados e descreveu como eles são parte de uma construção social. A escritora francesa é considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, sendo famosa por sua frase “Ninguém nasce mulher. Torna-se mulher.”

Toda a literatura está repleta de mulheres que se inspiraram nas teorias de *Simone de Beauvoir*. Parafraseando *Rupi Kaur*, uma poetiza contemporânea, “Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha”. Portanto, ambas concordam que a única razão da mulher ser considerada inferior é porque foi uma determinação antiquada feita pela sociedade.

Beauvoir abriu o caminho para o surgimento da literatura feminista. Livros escritos por mulheres ao longo da história foram resgatados da obscuridade, novas obras, tanto de ficção quanto de não ficção foram escritas, relatando a luta diária de ser mulher em um mundo dominado por homens, apresentando estudos sociológicos, históricos e filosóficos, verdadeiras análises da sociedade patriarcal.

Lisa Tuttle, uma autora estadunidense de diversos livros feministas, definiu a teoria do movimento como fazer “novas questões de textos antigos”. Ela estava se referindo a crítica literária feminista. O estudo surtiu efeito, pois foi possível notar uma tendência de crescimento nas histórias quem apresentavam a mulher como sexo forte, acompanhando as mudanças na sociedade.

5.2 FINALMENTE PROTAGONISTA: MULHER COMO SEXO FORTE

Apesar do caráter relativamente recente do movimento feminista, sempre existiram mulheres de personalidade forte. Elas se rebelaram contra os conceitos pré-estabelecidos e isso não passou despercebido pelo resto da sociedade. Fato que transpareceu também na literatura. Há relatos de mulheres guerreiras, desde a Antiguidade, que seriam consideradas feministas atualmente. Na mitologia grega, por exemplo, temos as Amazonas e nas lendas vikings, as Valquírias; ambas possuíam funções importantes como a de defender a humanidade - papel tradicionalmente masculino e contraditório aos ideais da época. Isso mostra que as mulheres foram colocadas em posições de poder nas histórias apesar de terem esse direito negado pela sociedade.

O mesmo fenômeno é apresentado nos livros da autora *Jane Austen*. A escritora é famosa por apresentar personagens femininas e dilemas de gênero muito a frente de seu tempo. Escreveu romances que hoje são considerados clássicos da literatura mundial e amplamente analisados pela crítica literária feminista. Suas obras mais famosas - *Razão e Sensibilidade*, *Emma*, *Persuasão* e *Orgulho e Preconceito* - são consideradas atuais e, graças às inúmeras adaptações que propagaram as histórias, fazem parte da cultura ocidental. Suas obras foram publicadas durante o movimento romântico europeu, e apresentam ideias contrárias aos ideais femininos da época.

Escrito em 1813, *Orgulho e Preconceito* narra a história de *Elizabeth Bennet* e as pressões sociais que envolvia ser uma mulher no século XIX. Sua mãe está determinada a casar ela e suas 4 irmãs com homens de posse, pois com o patriarca da família atingindo uma idade avançada, elas ficariam sem ninguém para sustentá-las. Elizabeth, porém, recusa contrair matrimônio sem que haja amor correspondido.

A personagem principal, desde a primeira página, apresenta um comportamento que não corresponde ao esperado de uma dama. Ela é vivaz e dona de uma personalidade forte, sabendo o que quer e não se deixando ser influenciada por opiniões masculinas. O que ela mais preza é sua liberdade como mulher independente, o que explica sua recusa a casar-se por dinheiro. Tais ideais são defendidos pelo feminismo na atualidade. Também é possível destacar que, curiosamente, o pai de Elizabeth se mostra extremamente passivo nas decisões da esposa o que traz mais uma característica incomum para a época, na qual uma mulher se encontra em uma posição de poder superior ao do homem.

Esse exemplo da força de vontade feminina é de extrema relevância para as mulheres de todas as idades. Especialmente pelo fato de que esse livro foi escrito em um século onde qualquer feminista seria considerada uma pária. A importância das personagens femininas mostrarem que é possível ser uma mulher independente mesmo quando a sociedade exige o contrário é imensa e abre um precedente. Indubitavelmente, o mundo literário necessita de mais obras que possuam tal abordagem, incentivando, assim, todas as gerações a questionarem o papel da mulher na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como as personagens femininas da literatura podem influenciar a sociedade e contribuir para a formação de uma visão preconcebida da mulher. Além disso, também permitiu uma análise de obras literárias em busca de estereótipos femininos, para obter dados mais consistentes sobre o impacto que causam no imaginário feminino desde a infância até a vida adulta.

Através da crítica literária feminista, foi possível a identificação de dois estereótipos principais: a esposa e a dama. Ao longo da história, a imagem da mulher foi diretamente associada à fragilidade e subalternidade, levando-a a ocupar um papel secundário na sociedade. Fato este, refletido e apresentado pela literatura como se pode observar nos títulos: Barba Azul, 50 Tons de Cinza, Um Conto de Duas Cidades e Iracema. Essas concepções podem ter como consequência a depressão, ansiedade, distúrbios alimentares e problemas de relacionamento. Felizmente, em meados do século XIX, surgiu o movimento feminista, responsável por fortalecer ideais de igualdade entre gêneros e pela disseminação da personagem feminina heroína, influenciando mulheres de todas as idades a serem independentes. Pode ser citado como exemplo a obra Orgulho e Preconceito.

Por fim, como demonstrado no artigo, a literatura apresenta um grande impacto no imaginário feminino, tanto de maneira positiva quanto negativa. Por conseguinte, obras que apresentam a mulher como sexo forte, mostram-se cada vez mais necessárias. Ainda há uma falta muito grande dessas personagens em comparação com a demanda feita na atualidade; onde o termo feminismo faz parte do cotidiano da população ocidental. É preciso que os valores transmitidos para as gerações futuras, através dos livros sejam de igualdade e liberdade ao invés de opressão e violência.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, J. Iracema. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

AMBROISE, Louis Gabriel. **Œuvres choisies. Tome I, Écrits sur la littérature.** Paris, 1796.

ANJOS, Antonio dos. A importância da literatura na sociedade. Recanto das Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1817649>>. Acesso em: 25 Ago. 2019.

ARISTÓTELES. **A Arte Poética.** Lisboa, 1965. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179798/mod_resource/content/1/PO%C3%89TICA%20DE%20ARIST%C3%93TELES.pdf>. Acesso em: 05 Jul. 2019.

AUSTEN, J. **Orgulho e Preconceito.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BÍBLIA SAGRADA. **Gn 3:16** - Livro de Gênesis, capítulo 3, versículo 16.

CASTRO, Annie et al. **A literatura não tem rosto de mulher.** Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/editorial-j-famecos/a-literatura-n%C3%A3o-tem-rosto-de-mulher-bbf0f6e2e871>>. Acesso em: 11 Ago. 2019.

CHALLITA, Mansou. O Alcorão. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. **A concepção do amor e idealização da mulher no romantismo.** Revista Alfa, Marília, 1963. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3216/2943>>. Acesso em: 11 Ago. 2019

COSTA, Patrícia. **Um chamado para feministas lembrarem a história da opressão feminina baseada no sexo: Objetificação feminina.** 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/um-chamado-para-que-mulheres-lembrem-a-hist%C3%B3ria-e-a-natureza-baseada-no-sexo-biol%C3%B3gico-da-opress%C3%A3o-387288d52d67>>. Acesso em: 15 Mai. 2019

DIANA, Daniela. **O que é Literatura?** Todamatéria, 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>>. Acesso em: 25 Ago. 2019.

DICKENS, C. **Um Conto de Duas Cidades**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Jul. 2019.

GUALDA, Linda Catarina. **Representações do feminino em The turn of the screw: a preceptora como anjo e monstro**. Revista Signótica, UFG. Goiania, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sig.v19i1.2843>>. Acesso em: 20 Jun. 2019.

JAMES,E.L. **50 Tons de Cinza**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2012.

JOBIM, A. C.; MORAES, V. **Garota de Ipanema**. Interprete: JOBIM, A. C. In: JOBIM, A. C. Jobim em vários tons. Rio de Janeiro: Movie Play, 1999. 1 CD. Faixa 8.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. **Suspiros Poéticos e Saudades**. Brasília: UNB, 1998.

MAGALHÃES, Mônica Trindade Dias; TEIXEIRA, Aline Cristina. **Desconstrução dos contos de fadas: uma análise da figura da mulher e suas transformações**. In: Anais do V Fórum de Educação /2ª Jornada de Letras e Educação do IFSudesteMG. Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/5fe2jle/71992-DESCONSTRUCAO-DOS-CONTOS-DE-FADAS--UMA-ANALISE-DA-FIGURA-DA-MULHER-E-SUAS-TRANSFORMACOES>>. Acesso em: 11 Ago. 2019.

MIRANDA, Juliana. **Perfil da mulher no romantismo**. Disponível em: <<https://www.grupoescolar.com/pesquisa/perfil-da-mulher-no-romantismo.html>>. Acesso em: 05 Jul. 2019.

PHILIP, N. **A Volta ao Mundo em 52 Histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

PILLAY, Navi. **Crimes de honra e violência doméstica**. UNRIC - Centro Regional de Informações das Nações Unidas, Bélgica, s/d. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/opiniao/27719-crimes-de-honra-e-violencia-domestica#>>. Acesso em: 20 Junç. 2019.

TEIXEIRA, Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário.** Revista de Filosofia Guairacá. Guarapuava, 2009. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>>. Acesso em: 05 Jul. 2019.